

**(RE)PENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO  
HOTELEIRO**

Thainá Rosalino de Freitas

Orientador: \_\_\_\_\_

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Hotelaria do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Hotelaria.

Aprovada por:

\_\_\_\_\_  
Presidente, Prof(a) Dra. Alessandra de Andrade Rianldi

\_\_\_\_\_  
Prof(a) Dra. Ana Paula Alves Ribeiro

\_\_\_\_\_  
Prof(a) Salomé Almeida

**SEROPÉDICA**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMESTICA E HOTELARIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HOTELARIA**

**THAINÁ ROSALINO DE FREITAS**

**(RE)PENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO HOTELEIRO**

**SEROPÉDICA  
2014**

**THAINÁ ROSALINO DE FREITAS**

***(RE)PENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO HOTELEIRO***

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Hotelaria do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Hotelaria.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Alessandra de Andrade  
Rinald

**SEROPÉDICA**

**2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e paciência para vencer todos os obstáculos e concluir meus objetivos.

A toda a minha família, pois foram meus maiores incentivadores nesta caminhada. Em especial a minha amada mãe Terezinha de Jesus que mesmo longe, sei que está olhando por mim, me incentivando em todos os momentos de minha vida. Ao meu querido pai Josias por ter dedicado a sua vida a família, pelo apoio e amor incondicional aos filhos.

Ao meu marido Marcel Carneiro por sempre apoiar meus objetivos e planos, não deixando com que eu desanime, estando sempre ao meu lado em todas as situações.

Ao meu filho Théo por me mostrar o que realmente significa amar, por fazer de minha vida uma grande aventura cheia de alegrias.

A todos que me ajudaram de diferentes maneiras ao longo de toda a minha trajetória até este momento.

À minha querida orientadora, Prof. Dra. Alessandra de Andrade Rinaldi, por ter dedicado seu tempo e conhecimento para a construção deste trabalho, sendo para mim, exemplo de pessoa a ser seguido e uma grande amiga.

Às minhas queridas amigas Juliana Borges de Souza e Laisa Bispo pela amizade e carinho nos momentos mais difíceis.

Às eternas amigadas construídas durante a minha graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Aos meus colegas de curso, que foram sempre motivo de alegria e apoio.

Aos professores por todos os momentos de aprendizado e companheirismo.

E a todos que, mesmo com a distância, foram fontes de motivação.

## **(RE)PENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO HOTELEIRO**

Thainá Rosalino de Freitas

Orientador: \_\_\_\_\_

Resumo de Trabalho de conclusão de curso de graduação em Hotelaria do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Hotelaria.

Esse trabalho buscou entender as relações de gênero existentes no mercado de trabalho do setor hoteleiro, no que se refere às divisões sexuais do trabalho e aos papéis de gênero, designando dentro desse segmento os cargos e as funções desempenhadas por homens e mulheres. A construção desse trabalho teve por objetivo abordagens teóricas sobre as relações de gênero e o mercado de trabalho na Hotelaria, visando ser um instrumento de gestão hoteleira, para que assim se inicie uma diminuição das desigualdades no mercado relacionadas ao gênero.

Palavras-chave: gênero, mercado de trabalho e hotelaria

**(RE)PENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO  
HOTELEIRO**

Thainá Rosalino de Freitas

Orientador: \_\_\_\_\_

*Abstract* do Trabalho de conclusão de curso de graduação em Hotelaria do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Hotelaria.

*This study aimed to understand the existing gender relationships in the hotel industry labor market as regards the sexual division of labor and the gender roles in this area designating the positions and roles performed by men and women. The construction of this study had the objective of theoretical approaches on gender relations and the labor market in hotel industry in order to be a hotel management tool, to start with that a reduction of disparities in the market related to gender.*

*Keywords: gender, labor market and hotel industry*

**SEROPÉDICA  
2014**

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.CONCEITO DE GÊNERO: NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	11
3.RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO	16
4. A HOTELARIA EM QUESTÃO	19
5.RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO HOTELEIRO	22
6.A POSITIVIDADE DO FEMININO: UMA SAIDA PARA EQUIDADE?	27
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

## 1.INTRODUÇÃO

Como é que tudo isso começou? É fácil ver que a dualidade dos sexos, como qualquer dualidade, dá origem ao conflito. E, sem dúvida, o vencedor assumirá o status de absoluto. Mas por que o homem ganhou desde o início? Parece possível que as mulheres poderiam ter ganhado a vitória, ou que o resultado do conflito poderia nunca ter sido decidido. Como é que este mundo sempre pertenceu aos homens e que as coisas começaram a mudar apenas recentemente? Esta mudança é uma coisa boa? Será que vai trazer uma partilha equitativa do mundo entre homens e mulheres? (BEAUVOIR, Simone de. 1967, p. 89).

A partir da década de sessenta, os estudos relacionados ao gênero e aos movimentos sociais ao redor do mundo ocorridos em 1968, como as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil e similares despontaram por luta mais justa “igualitária” e “libertaria”<sup>1</sup> (GROSSI, 2000) . Em especial, os movimentos feministas da época nos mostraram que a visão diferenciada de homens e mulheres não pode e nem deve estar relacionada a um fenômeno de ordem “natural”, mas a um fenômeno de ordem “social”, sendo este culturalmente construído e passível de transformação.

As feministas americanas foram as primeiras a utilizarem o termo gênero como um caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, rejeitando o determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

O desenvolvimento do gênero como uma categoria de análise foi uma forma de apresentar e incluir as mulheres na história. As categorias de classe, de raça e de gênero foram os primeiros compromissos dos (as) pesquisadores (as) com a história que incluía a fala dos oprimidos como forma de análise de sua opressão.

---

<sup>1</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.



Para Scott (1990)<sup>2</sup> gênero é um elemento constitutivo das relações sociais que se baseiam nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, é pelo gênero que se estabelecem as relações de poder. Scott afirma que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Pierre Bourdieu<sup>3</sup> aborda a incorporação de esquemas inconscientes de percepção das estruturas históricas de ordem masculina, destacando a busca de uma estratégia que consiste em transformar um exercício de reflexão transcendental, visando a explorar as “categorias de entendimento” ou as “formas de classificação” com as quais construímos o mundo. Ele ainda traz uma análise etnográfica das estruturas objetivas, da visão falo-narcísica e da cosmologia androcêntrica.

Bourdieu (2003) nos fala sobre uma violência simbólica da dominação masculina, encontrada através de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, com base em uma divisão sexual do trabalho. Ele nos mostra ainda que as disposições são inseparáveis das estruturas que as produzem e as reproduzem, tanto nos homens como nas mulheres, que é encontrado no fundamento das estruturas do mercado dos bens simbólicos.

Vale ressaltar que as mulheres são submetidas a um trabalho de socialização que constitui na diminuição das mesmas, fazendo com que aprendam as virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, e os homens também estão prisioneiros da representação dominante.

O autor ainda faz uma descrição etnológica do mundo social, que é construído em torno da dominação masculina atuando como um “detector” de traços infinitesimais e de fragmentos esparsos da visão androcêntrica do mundo. Ele ainda destaca em seu trabalho que a masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino determinam a somatização da relação de dominação.

---

<sup>2</sup> Publicado em : SCOTT, Joan (1989). Gênero: Uma categoria útil para uma análise histórica. Trad. Chistine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Porto Alegre: Educação e Realidade. V.16(2), 1990.

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre (1930-2002). A Dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

Ao falar do ser feminino, ele nos mostra a gênese do habitus feminino, que são as condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro. Enfatizando ainda que o corpo percebido é duplamente determinado socialmente.

Para Bourdieu (2003) é através daquele que detém o monopólio da violência simbólica, legitimado dentro da família, que se exerce a ação psicossomática que leva à somatização da lei.

O autor fala da adesão à ordem das coisas, do princípio das tendências afetivas atribuídos à mulher na divisão do trabalho de dominação, da socialização diferencial que predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam.

Bourdieu (2003) ainda afirma que de todos os fatores de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros.

Segundo Bourdieu (2003), a economia dos bens simbólicos é um fator determinante para a perpetuação das diferenças e para a dominação masculina.

Para ele, não é só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia que se dá a permanência da estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres.

Apoiada na reflexão sobre gênero e compartilhando da hipótese da existência de uma dominação masculina, busco realizar uma análise científica sobre a dominação do gênero masculino em relação ao feminino na esfera das relações de trabalho hoteleiro e seus efeitos sociais. Dessa maneira, analiso o poder como sendo ordenador das relações de gênero e das relações de trabalho nesse estudo, no qual busco realizar de forma despretensiosa um estudo científico empírico teórico metodológico sobre o tema, através de um ensaio bibliográfico.

Por isso, o presente trabalho tem por objetivo abordagens teóricas sobre as relações de gênero e o mercado de trabalho na Hotelaria<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Por ser um trabalho metodologicamente bibliográfico, realizei minhas observações sobre o tema me pautando na fundamentação teórica realiza para o mesmo, justificando assim o excesso de citação no corpo do texto.

Parto do pressuposto que as distinções de gênero organizam o mercado de trabalho, diferenciando os cargos e posições de homens e mulheres, limitando as trajetórias profissionais nesse setor e afetando o desempenho e a qualidade no serviço do atendimento.

Creio que isso ocorra com o mercado hoteleiro porque assim como ocorre nos demais setores de nossa sociedade, a Hotelaria é espelho do pensamento crítico social, sendo este mercado influenciado pelo entendimento coletivo da construção social de gênero.

Este trabalho foi dividido em cinco partes. Na primeira parte, começo por definir o conceito de gênero, que servirá de enquadramento para o tema que será discutido. Vale ressaltar que o debate de gênero é extremamente denso nas Ciências Sociais e por conta disso o farei de forma breve, apenas para conceituar e introduzir o tema para este trabalho, buscando direcionar a discussão que pretendo realizar.

Na segunda parte, serão expostas as relações de gênero. Trabalho também de forma sucinta devido a extensão do tema: não irei aqui realizar uma leitura aprofundada sobre gênero e trabalho, desta forma me limitei a realizar um breve e despretensioso cenário expondo alguns conceitos obtidos da revisão bibliográfica.

Na terceira parte, abordarei a hotelaria apenas com o intuito de apresentar o campo escolhido para este trabalho. Na quarta parte, sobre as relações de gênero no mercado de trabalho Hoteleiro, realizarei uma breve apresentação das análise de dados obtidos por pesquisas realizadas por membros do setor hoteleiro, com o intuito de realizar um debate sobre os discursos apresentados sobre: 1) recrutamento; 2) acesso a cargos de poder. Um problema para realização desse estudo bibliográfico foi a pouca produção de trabalhos científicos encontrada nesta área, dessa forma justifico a utilização das pesquisas aqui apresentadas para análise.

Por fim, na quinta parte apresentarei a positividade do feminino como um questionamento para uma saída para equidade. Ao final desse estudo serão apresentadas as considerações finais, as quais serão retiradas da revisão bibliográfica efetuada para a realização do mesmo.

O presente trabalho busca ser um instrumento de gestão hoteleira, visando a diminuição das desigualdades no mercado relacionadas ao gênero,

melhorando assim as relações no ambiente de trabalho e a satisfação profissional, conseqüentemente, aumentando o desempenho dos funcionários e a qualidade dos serviços prestados.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica qualitativa<sup>5</sup> de base inteiramente teórica onde, de acordo com Salvador (1981, apud MARCONI; LAKATOS, 2011), a Pesquisa Bibliográfica, enquanto procedimento metodológico implica um estudo teórico e exaustivo da produção científica realizado em torno de uma temática. Sendo assim, é diferente da “revisão bibliográfica” que é necessária e obrigatória em qualquer trabalho científico.

A escolha por esse tipo de metodologia foi motivada pela necessidade de compreensão dos aspectos subjetivos ligados ao tema, sem ter a necessidade de empregar procedimentos estatísticos como análise do problema. (DENZIN e LINCOLN 2006, p.17).

Pretendo estabelecer dessa forma um debate sobre Gênero / Mercado de Trabalho / Hotelaria, para que se iniciem discussões sobre o tema nesse segmento, abrindo espaço para pesquisas acadêmicas sobre a temática que ainda é insuficiente nesta área.

---

<sup>5</sup> Como se trata de uma investigação qualitativa os dados aqui expostos serão apresentados através de um texto narrativo onde os dados coletados foram obtidos através fontes secundárias e documentos (fontes advindas de bases de dados online; de livros, revistas especializadas, trabalhos acadêmicos, sitio da web e outros). Vale ressaltar que a revisão bibliográfica foi feita em todas as etapas do processo de elaboração do trabalho.

## 2. CONCEITO DE GÊNERO: NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Ora, o indivíduo não pode ser pensado sozinho: ele só existe em relação. Basta que haja relação entre dois indivíduos para que o social já exista e que não seja nunca o simples agregado dos direitos de cada um de seus membros, mas um arbitrário constituído de regras em que a filiação (social) não seja nunca redutível ao puro biológico (HEILBORN, 1998, APUD : HÉRITIER, 1996)

Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj (1999, p.183-221)<sup>6</sup> em “Estudos de Gênero no Brasil” nos falam sobre como o termo foi inventado em oposição à ideia de papel sexual.

Feministas acadêmicas brasileiras em conjunto com cientistas sociais construíram o termo baseado em uma construção social sobre a natureza.

Como já dito nesse trabalho anteriormente, o gênero como uma categoria de análise também foi usado pelas acadêmicas feministas não apenas entender a relevância das relações de gênero na organização da vida social, mas também como o gênero afeta o próprio conhecimento produzido pelas ciências sociais.

Heilborn e Sorj (1999) nos falam que a adoção do conceito de gênero em substituição dos termos mulher e feminismo favoreceu a aceitação acadêmica desta área de pesquisa, uma vez que esses termos eram originalmente empregados politicamente em prol de causas do movimento feminista, diminuindo os preconceitos estabelecidos.

As acadêmicas também se preocupavam com a intervenção social através de políticas públicas de correção de desigualdades sociais, fazendo desta temática sua prioridade.

Nesse sentido, Heilborn e Sorj (1999) concluíram que a área dos estudos de gênero, na medida em que desenvolve o seu potencial analítico e convence sobre relevância dos seus achados, prescinde das motivações políticas que marcaram sua origem e desta primeira geração de pesquisadoras.

---

<sup>6</sup> Mais em HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (org) *O que Ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221).

As autoras ainda destacam que a linha de investigação francesa jamais incorporou essa categoria (gênero), utilizando em seu lugar o termo relações sociais de sexo (*rappports sociaux de sexe*). A utilização desse termo em relação ao termo gênero empregado pelas americanas e as brasileiras vem de uma inequívoca ascendência marxista, oriunda do termo “relações sociais de produção” (HEILBORN e SORJ, 1999).

O afastamento do termo baseado em uma construção social sobre a natureza se deu quando um grupo de pesquisadoras diferencialistas sustentou que a diferença sexual é uma marca universal de alteridade, por oposição às igualitaristas que sustentavam a existência de uma condição subalterna do feminino de uma condição histórica, não estrutural. (HEILBORN e SORJ, 1999).

Segundo Heilborn e Sorj (1999), a principal referência sociológica dos estudos de gênero, particularmente nos Estados Unidos, foi dada pelos conceitos e teorias funcionalistas, tanto como inspiração para a compreensão das diferenças entre papéis masculinos e femininos, quanto pela crítica dessa interpretação.

Para Heilborn e Sorj (1999), os conceitos e as teorias funcionalistas forneceram dois momentos: no primeiro foram fornecidos conceitos básicos, como papel sexual e status, através dos quais as diferenças entre homens e mulheres foram estudadas. O segundo supriu os estudos de gênero com a hipótese de que as diferenças sexuais estão mais centradas na instituição familiar do que em qualquer outra instituição social e que os arranjos de gênero funcionam para assegurar a reprodução social. Para elas, as análises sociológicas das relações de gênero, sustentadas no conceito de papéis sexuais, desafiaram as visões essencialistas da biologia e da psicologia sobre as identidades humanas, facilitando o reconhecimento de que os indivíduos se constroem por meio da vida social.

A teoria funcionalista foi, entretanto, uma referência mais negativa do que positiva para a sociologia de gênero, pois ao considerar o gênero como papel social, limitava-se o foco da análise ao comportamento individual, diminuindo o seu poder de explicação de uma dinâmica social mais ampla de acordo com Heilborn e Sorj (1999).

Joan Scott (1990), em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” rejeita o determinismo biológico ocasionado pelo uso de termos como “sexo” ou

“diferença sexual”. Enquanto construção social, o uso do conceito de gênero não deve ser isolado, deve ser considerado como derivado de outras relações sociais. Ou seja, a noção sobre gênero, derivada de sistemas de relações, pode até compreender o sexo, mas não é determinado por ele.

Thomas Laqueur<sup>7</sup> (2001) em “Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud” nos fala sobre a medicina ocidental do século XVIII . Em sua obra, ele buscou mostrar que as noções de "diferença biológica de sexo" e de "diferença cultural de gêneros" não são dados “naturais” e sim inventados, construídos pelo social.

Dessa forma, a diferença entre os sexos é uma invenção. Para o autor, não importava se as diferenças entre os corpos não eram de todo percebidas antes desse período, mas sim que na virada entre o século XVIII e o XIX se criava uma nova concepção sobre os sexos, os quais passaram a ser concebidos como opostos e incomensuráveis. Segundo Laqueur (2001) é o gênero que inventa o sexo. Se tanto os homens e as mulheres como seres humanos eram ditos como iguais, se fazia necessário buscar na natureza a base para a introdução de uma desigualdade.

Laqueur desconstruiu o “sexo”, base sobre qual a categoria de gênero tinha sido fundada, uma vez que sua análise histórica questionava a imutabilidade do sexo.

Assim como esses autores citados, a autora buscou construir um significado para o termo gênero.

Segundo Heilborn (1998)<sup>8</sup>, a definição construtivista sobre o gênero tinha oferecido uma espécie de conforto temporário contra o atavismo biológico que se insinuava sob a terminologia dos papéis sexuais que vinha recebendo inúmeras críticas. O conceito destaca a dimensão de escolha cultural para explicar as feições que o feminino e o masculino assumem em múltiplas culturas, mas sustenta que a “natureza” é um pilar sobre o qual se constrói a diferença sexual, aqui designada simplesmente como o dimorfismo sexual da espécie humana.

---

<sup>7</sup> LAQUEUR, Thomas (2001). *Inventando o Sexo – Corpo e Gênero Gregos a Freud*. Trad. Vera Whatly. Relume Dumará, 2001, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> HEILBORN, Maria Luiza. “Gênero: um olhar estruturalista” in PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (org.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis, Editora Mulheres, 1998, p. 43-55.

Heilborn (1998) concorda com as contribuições de Laqueur, demonstrando que a diferença entre os sexos é uma invenção historicamente datada dos finais do século XVIII.

A autora tinha o intuito de salientar como a utilização de sua perspectiva de análise poderia ser rentável sobre a generalidade da assimetria intrínseca aos sistemas de gênero fundados sob uma abordagem cultural, postulada sobre uma linha mais estruturalista. Nela, buscou construir o porquê da classificação do gênero necessariamente comportar a hierarquia, ou seja, que razões explicam a constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre os gêneros e a ocorrência das inversões hierárquicas. (HEILBORN, 1998)

Para a autora, a hierarquia é uma necessidade lógica do ordenamento do social. O universo simbólico se estrutura e se move a partir de oposições, submetido à ordem da preeminência.

Para Heilborn (1998), a assimetria do gênero necessita estar conectada em um plano lógico com este momento inaugural da cultura, a "marca elementar da alteridade" é "uma impossibilidade de negação diferença entre os sexos, que está na base da reflexão dos grupos humanos sobre eles mesmos, a partir do qual se constitui toda a organização social e toda a ideologia". (HEILBORN 1998, apud: Hérítier:1979::227).

Heilborn (1998) comenta que o pensamento se ordena em função de um equilíbrio entre as propriedades do idêntico e do diferente, fazendo da alteridade o fundamento do simbólico e do social.

Judith Butler (2008) buscou problematizar a oposição natureza/cultura. Ao realizar a reflexão e desconstrução dos conceitos de corpo, sexo e gênero, questionando o gênero e a suas identidades baseadas, principalmente, no falocentrismo e na heterossexualidade compulsória. Seriam estes "regimes de poder/discurso" fundantes na construção dos discursos de gênero. Para Butler (2008), o gênero é uma performance onde tanto o gênero como a própria noção de sexo e corpo são resultados de construções sociais.

Para Butler (2003) o gênero é performatizado, o ser do gênero é mais um efeito do que propriamente uma ontologia, manifestando-se na prática de distintas performances de gênero. O gênero é discursivamente constituído e socialmente performatizado, nele a "própria noção de sujeito só é inteligível por meio da aparência de gênero". (BUTLER, 2003, p.59).



Para alguns autores, o conceito de gênero poderá ser definido como um conjunto de símbolos, significados e expectativas associados aos comportamentos dos elementos de cada sexo, inseridos num determinado contexto cultural, que são influenciados e influenciadores de práticas e experiências culturais.<sup>9</sup>

Castilho (2006) refere que gênero veio como uma categoria de análise das Ciências Sociais para questionar a suposta essencialidade da diferença dos sexos, como a ideia de que mulheres são passivas, emocionais e frágeis; os homens são ativos, racionais e fortes.

---

<sup>9</sup> Ver Vicente, Mara Alexandra de Almeida Furtado (2013), O gênero nas estruturas organizacionais: a diferenciação entre homens e mulheres na ocupação de funções, no acesso ao poder e nos salários.

### 3.RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO

O avanço da participação feminina no trabalho aumenta consideravelmente, porém a posição real da mulher não é das mais promissoras. Apesar de encontrar-se aberto para ela o mercado de trabalho, ainda é considerada mão-de-obra de reserva. Mesmo quando possui qualificação profissional, é induzida a exercer profissões femininas (cf. Isto não é serviço para mulher) e os cargos mais importantes ainda são reservados aos homens. Até hoje impera o preconceito de que as mulheres foram feitas para desempenhar tarefas secundárias (LEITÃO, 1988, p. 74).

Heilborn e Sorj (1999) comentam que no final dos anos sessenta e início dos setenta, o trabalho feminino foi um dos primeiros temas através dos quais as feministas marcam presença na vida acadêmica.

Inúmeros foram os fatores que contribuíram para que este fosse o tema privilegiado das feministas, visto que internacionalmente, na época, predominava a visão de que a subordinação social feminina se dava através da exclusão das mulheres no mercado de trabalho.

O marxismo era um fator comum que ora legitimava as tematizações feministas frente ao público não feminista, ora funcionava como “ponte” intelectual para muitas cientistas sociais se aproximarem do movimento.

As autoras exaltam a influência do marxismo que buscava explicar a participação das mulheres no mercado de trabalho a partir dos efeitos do desenvolvimento industrial e tecnológico sobre as condições de inclusão e exclusão das mulheres na força de trabalho.

Devido às transformações sociais expressas no notável crescimento do emprego feminino industrial a partir dos anos 70 e do desenvolvimento das análises de gênero, inspiradas nas teorias do patriarcado que defendiam o poder explicativo da dominação masculina e das desigualdades de gênero sobre o conjunto da vida social, buscou compreender o ingresso em larga escala de mulheres na força de trabalho industrial e, ao mesmo tempo, o seu confinamento às posições de menor remuneração e de menor qualificação.

Dessa forma, a participação das mulheres no mercado de trabalho passou a ser analisada a partir dos condicionantes impostos pelo ciclo de vida familiar reprodutivo (idade, situação conjugal, número e idade dos filhos) e pelas

responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares. (HEILBORN e SORJ, 1999)

Segundo as autoras, a condição familiar marcada pelo gênero, seria incorporada pelo mercado de trabalho e designaria lugares distintos e hierarquicamente dispostos para homens e mulheres, determinando o acesso diferencial às ocupações, às tarefas, às promoções e às oportunidades de aprimoramento, entre outros. (HEILBORN e SORJ, 1999).

Outra perspectiva de análise sobre o perfil dos postos de trabalho designados aos seres femininos é que os mesmos não estão fundados na divisão sexual do trabalho doméstico. Haja vista que os mesmos empregos ou postos, quando destinados aos homens acabam adquirindo outras características, as quais para eles seriam dadas as melhores condições de remuneração, maior oportunidades de promoção, etc. Neste caso, a discriminação das mulheres poderia ser explicada pela presença de ideologias de gênero, devido ao sistema produtivo que orientam as práticas de gestão discriminatórias (HEILBORN e SORJ, 1999).

Joan Scott considera o gênero como uma “(...) forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990) dessa forma, as relações de gênero são estruturantes das interações sociais analisadas como decorrentes da dominação masculina tanto no âmbito doméstico quanto no mercado de trabalho. (HEILBORN e SORJ 1999)

Marins (2009) *destaca que* para Bourdieu mesmo com a inserção das mulheres em profissões ditas masculinas, os diferenciais de gênero se reproduziriam, criando novas distinções entre os gêneros, as mesmas seriam “excluídas do interior” ou “marginalizadas por dentro”. Segundo o autor, as “mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito” (BOURDIEU, 1998).

Nesse sentido, os grupos de cada sexo reproduziriam gostos e escolhas, através de uma adesão à “ordem das coisas” diante da configuração genérica das profissões, havendo assim certa universalidade e imutabilidade das relações de gênero de acordo com a produção Bourdiesiana (MARINS, 2009).

Porém, alguns indivíduos conseguem romper com esta fronteira simbólica, contrariando a polarização existente na obra de Bourdieu (mulher dominada e homem dominante). Neste sentido, Silva (2005) acredita que o gênero é uma categoria historicamente em mudança e que as possibilidades de mudança para Bourdieu se dariam apenas na quebra da tensão entre *habitus* e campo. (Marins 2009)

Helena Hirata (1995) afirma que a permanência, a persistência e a continuidade não significam imutabilidade: a divisão sexual do trabalho, como toda construção social, é histórica e coloca de imediato (virtualmente, pelo menos) a questão da mudança.

Dessa forma, podemos entender que as relações de gênero e mercado de trabalho, assim como a divisão sexual do trabalho, são sistemas socioeconômicos e de determinadas condições históricas e ideológicas, ao invés de um fenômeno natural. (SIMÕES e AMÂNCIO, 2004).

#### 4. A HOTELARIA EM QUESTÃO

Tratar da arte de acolher e de hospedar é tratar da essência dos negócios da Hotelaria e dos restaurantes da era moderna e, em grande parte, da história da humanidade, já que, como pondera Seydoux, a história da hospitalidade é a história dos homens, dos seus reencontros, dos seus diálogos e de tudo o que eles criaram, no transcorrer dos séculos, para facilitar sua aproximação. (...) não existe nem cultura nem laços sociais sem o princípio da hospitalidade. (CASTELLI, 2005, p.12)

A Hotelaria é uma área bastante abrangente, podemos afirmar que a Hotelaria trabalha principalmente com os meios de hospedagens como o Hotel, que é um estabelecimento comercial destinado a hospedar pessoas em viagens de negócio, lazer ou turismo, proporcionando-lhes conforto e bem estar (CÂNDIDO, 2002).

A Origem do termo Hospes deriva do latim que significa pessoa acomodada, foi usada pela primeira vez na França.

Ao analisarmos a história da hotelaria brasileira, percebemos que ela sempre esteve atrelada ao empreendimento familiar. A atividade hoteleira teve seu início no Brasil no período colonial, no qual os viajantes se hospedavam nos casarões, nos conventos, nas grandes fazendas, etc. Com a chegada da corte real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, e com a abertura dos portos, houve um grande aumento do fluxo de pessoas. A partir da segunda metade do século XX se inicia maior interesse no setor hoteleiro e na sua profissionalização.

Nos anos 90, com o início da crise econômica nos Estados Unidos, as redes hoteleiras buscaram novas opções de investimentos. O Brasil, com uma política econômica recuperada se beneficiou com a entrada de redes internacionais no país.

Segundo a Classificação dos Hotéis no Brasil de acordo Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), lançado pelo Governo Federal, os hotéis se classificam: 1 estrela; 2 estrelas ; 3 estrelas; 4 estrelas; 5 estrelas. Essa classificação varia de acordo com determinados requisitos, que vão desde as condições de infraestrutura, equipamentos, serviços oferecidos aos hóspedes até práticas de sustentabilidade.

A hotelaria é uma indústria prestadora de serviço que se caracteriza como sendo um produto intangível, dessa forma a qualidade dos serviços prestados é o principal produto destinado aos consumidores. A hotelaria possui características próprias de organização, a sua principal finalidade é a hospedagem, a alimentação, a segurança e vários outros serviços relacionados à atividade de bem receber.

Os hotéis são constituídos, basicamente, pelas áreas de Hospedagem; Gerência; Recepção; Manutenção; Alimentos e Bebidas (A&B); Governança, Lazer e Recreação; Eventos; Marketing; entre outros, dependendo do tipo do hotel.

O bem receber está ligado ao segmento da hospitalidade derivado do termo *Hospitium*, em latim. A hospitalidade, do ponto de vista analítico-operacional, pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat. (DENCKER & BUENO, 2003, p.19)

A hospitalidade para muitos profissionais da hotelaria está voltada para a atenção dispensada às pessoas durante a sua estada no hotel (...). Nesse caso, é preciso ter cuidado de não reduzi-la a um mero ato mecânico. (CASTELLI, 2005, p.183). A substituição da designação hotelaria por hospitalidade não pode ser decorativa nem mero impulso pela novidade ou em razão de dificuldades linguísticas. (DENCKER & BUENO, 2003, p. 8).

Para Castelli (2005) o acolhimento hoteleiro, além de caracterizar-se como ato permanente, deve ser exercido por todos os profissionais integrantes da empresa. No contexto hoteleiro, mesmo os clientes habituais necessitam novamente ser introduzidos ou acolhidos, quando da sua chegada. (CASTELLI, 2005, p.146)

A hotelaria vem crescendo com a explosão do turismo, no final do século XX, os hotéis ganharam grandes proporções e se construíram em grandes megaredes. (CASTELLI, 2003, pág. 87). Porém, o segmento hoteleiro ainda está em processo de amadurecimento.

Castelli (2003) acredita que, embora o progresso tecnológico tenha trazido inovações e aperfeiçoamentos no seio da empresa hoteleira, o elemento humano continua sendo peça fundamental. É dele que depende todo o processo

de acolhida do cliente e conseqüentemente, a própria rentabilidade da empresa. É do tratamento que o hospede recebe no hotel que depende, em grande parte, a formação de uma imagem positiva ou negativa da cidade, da região ou país. A demanda é humana, e a oferta depende fundamentalmente do elemento humano. (CASTELLI, 2003, p. 36).

Dias e Pimenta (2005, p. 53) nos falam que o aumento do nível de exigência do consumidor faz parte de um irreversível processo evolucionário do mercado, com clientes que, além de maior acesso à informação, têm facilidades de transportes e viajam mais, dispondo de elementos para comparação.

Com o aumento do turismo, crescem também os investimentos em empreendimentos hoteleiros assim como os impactos sociais e ambientais causados pelo crescimento do setor.

Dessa maneira, os meios de hospedagem podem gerar aspectos positivos a comunidade, como crescimento da economia através do turismo local, aumento da renda da população com a criação de empregos, como também gerar aspectos negativos, com o aumento da desigualdade de classe e degradação do meio ambiente.

## 5.RELAÇÕES DE GÊNERO NO MERCADO HOTELEIRO

os discursos são estruturados pela diferença, e assim mulheres e homens assumem diferentes posições de sujeito dentro do mesmo discurso, ou, melhor, o mesmo discurso os posiciona como sujeitos de maneiras diferentes. Todos os principais eixos da diferença, raça, classe, etnicidade, sexualidade e religião têm interseções com o gênero, que oferecem uma multiplicidade de posições de sujeito dentro de qualquer discurso (Moore, 2000, p.26).

Tomamos agora o trabalho como um fenômeno humano, que está fundamentado no gênero.

Melo et al. (2009, p. 3) ainda afirma que dados históricos mostram que são menores os empecilhos para o desenvolvimento da carreira dos homens do que o das mulheres.

Para Salvador (2012) <sup>10</sup>, no mercado de trabalho global segue a disseminação das barreiras visíveis e invisíveis, que mantêm as mulheres fora dos cargos mais qualificados e melhores pagos (ARROIO & RÉGNIER, s.d.). Por exemplo, as questões da feminização de determinadas profissões e sua subsequente desvalorização são devidas à resistências sociais, a falta de massa crítica de mulheres nas organizações, que por sua vez invisibiliza as mulheres no mercado de trabalho dando continuidade ao pensamento social colocando as mulheres em papéis secundários na sociedade e campo corporativo. Ou seja, o trabalho, assim como outros fenômenos humanos, está fortemente fundado no gênero.

Sendo assim, pode-se aventar a hipótese de que as funções ditas femininas no mercado de trabalho são derivadas das visões sobre os papéis tradicionais de gênero (INSTITUTO ETHOS, 2004, p. 29). No final dos anos 1960, foram feitos inúmeros estudos sobre operárias, camponesas, empregadas domésticas, etc., os quais tinham um duplo objetivo: por um lado, mostrar que as mulheres das classes trabalhadoras eram mais oprimidas que as outras; por

---

<sup>10</sup> SALVADOR, Denise Silva. Gênero e Turismo: A Liderança Feminina no Setor Hoteleiro. Universidade de Aveiro, 2012 Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo



outro, eles também compartilhavam da visão de que havia uma mesma opressão de todas as mulheres, independentemente do lugar que elas ocupavam na produção, pois todas eram oprimidas pela ideologia patriarcal. (GROSSI, 2000)

Grossi (2000) ainda afirma que a ênfase colocada na "origem social das identidades subjetivas" não é gratuita. De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos, usadas nos exemplos mais corriqueiros, como "mulher não pode levantar peso" ou "homem não tem jeito para cuidar de criança". Essa explicação da ordem natural não passa de uma formulação ideológica que serve para justificar os comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade.

Entretanto, Costa et al (2011)<sup>11</sup> comenta que a partir do ano de 1970 no Brasil, cresceu significativamente o número de mulheres que desempenhavam alguma atividade remunerada. Segundo dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), é crescente a participação das mulheres no mercado de trabalho. Pesquisas realizadas nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre indicam que as mulheres representam 45,5% da população economicamente ativa (IBGE, 2008).

Apesar dessa crescente presença feminina nas empresas, de acordo com algumas pesquisas realizadas por especialistas desse segmento as mulheres ainda são alvo de desvantagem e discriminação, encontrando assim maiores dificuldades de ascensão profissional. (Costa et al 2011)

Existe uma visão pré-estabelecida sobre quais são as funções femininas no mercado de trabalho e se observa que, geralmente, concentram-se em atividades derivadas das funções tradicionais, como o serviço doméstico costura cuidados com as crianças e com os doentes, entre outras (Instituto ETHOS, 2004, p. 29). Esses cargos ou atividades são assim percebidos pela necessidade de características como subserviência, afetividade e empatia dos seus profissionais, porém não devem ser pensadas ou executadas exclusivamente por e para as mulheres.

---

<sup>11</sup> Costa, Débora de Souza. Et al. A Mulher no Trabalho: A Situação de Funcionárias da Hotelaria de João Pessoa-PB. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, vol. 1, n.2, p. 36-48, 2011. Disponível em : <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>

Segundo Costa et al (2011), no mercado empresarial são poucas as mulheres que alcançam cargos de liderança. Leone et al (2003), afirma que as diferenças de trabalho masculino e feminino estão diminuindo nos empregos considerados de baixa remuneração que são oferecidos a ambos os gêneros apontando para uma situação de equidade neste sentido.

Na Hotelaria, que são empresas prestadoras de serviços do setor de hospitalidade, caracteriza-se por ser um setor onde as mulheres se sobressaem. Isso porque, segundo Costa et al (2011) existe o compartilhamento da visão de que o gênero feminino possui capacidade de realizar várias atividades ligadas ao cuidado.

O interessante que está presente na fala dos especialistas no setor de turismo e hotelaria, é que as mulheres são boas profissionais para o setor hoteleiro porque são ágeis, organizadas, detalhistas, sensíveis, criativas e conseguem lidar com conflitos, os quais são critérios imprescindíveis para a boa prestação de serviços hoteleiros, caracterizando que o gênero está organizando fortemente as relações de trabalho no setor hoteleiro.

Ao realizar a pesquisa observo de forma “etnográfica”, por estar circulando no campo ao qual também faço parte, compreendo e utilizo as falas nativas para fundamentar minhas observações, dessa forma percebo que o mercado hoteleiro apresenta essa divisão com cargos e tarefas ditas, conscientemente ou não, como sendo do feminino ou masculino, por ser entendido como sendo “extensão da casa”, culturalmente falando.

O gerente de recursos humanos da Rede de Hotéis Slaviero, Oscar José Cabral (PORTAL DA ADMINISTRAÇÃO, 2006), aponta que a presença crescente de mulheres no ramo da hotelaria não é por acaso: “Elas estão representadas em todos os setores dos hotéis e no corporativo”.

Para Cabral, “a hotelaria se identifica com o perfil feminino porque exige sensibilidade e organização”. Sabe-se que no contrato com os hóspedes é necessário ter agilidade, organização, e simpatia. “As mulheres conquistaram o mercado de trabalho e, na hotelaria, são essenciais pela versatilidade.”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> PORTAL DA ADMINISTRAÇÃO. Mulheres conquistam mercado hoteleiro. 2006. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/mulheres-conquistam-mercado-hoteleiro/6526/>. Acesso em: 16 de novembro de 2014.

Para Naisbitt e Aburdene (1994), as mulheres são a força de trabalho do futuro, uma vez que o mundo corporativo tem ido de encontro aos valores que ainda são considerados do universo feminino, sendo estes como: a sensibilidade, organização, cooperação, sociabilidade não só no setor hoteleiro, mas também no mercado de trabalho de uma geral.

Ao mesmo tempo em que uma bibliografia produzida por Costa et al 2011 dizem que há uma desigualdade em favor do universo masculino, existe uma visão antagônica. Segundo pesquisadores da área, a maioria dos funcionários dos hotéis pesquisados era do sexo masculino. Ainda assim, estudos realizados apontam para um crescimento das mulheres no setor. Por um exemplo, 55% da gerência dos hotéis da Rede Slaviero, em Curitiba, é composta por mulheres, sendo que do quadro total de funcionários dessa Rede as mulheres representam mais de 52% (PORTAL DA ADMINISTRAÇÃO, 2006).

Há, segundo Costa et al 2011, entretanto, uma forte presença masculina nos cargos de poder, a gerência geral de todos os hotéis pesquisados é exercida por homens. Nos demais setores como recepção, reservas, governança, finanças, manutenção, alimentos e bebidas e eventos as mulheres assumem a gerência de 43% desses setores.

De acordo com Dados do Relatório de Desenvolvimento Humano:

As mulheres são maioria à frente de cargos importantes em apenas seis países do mundo de forma geral. Nos outros 114 – de um total de 120, para os quais existem dados disponíveis – os homens são mais de 50% dos legisladores, gerentes e funcionários públicos de alto escalão. (PNUD, 2009.)

Ainda segundo essa pesquisa, os seis países em que elas são maioria nos cargos mais altos são de países em desenvolvimento ou não considerados umas das grandes economias mundiais (PNUD, 2009). O Brasil, por exemplo, tem 35% dos altos cargos em mãos femininas.<sup>13</sup>

Segundo pesquisa realizada pelo Centro de Excelência em Turismo (2008) existe nos meios de hospedagem um número maior de homens em cargos de chefia (59%) do que mulheres.

---

<sup>13</sup> Ver pesquisa completa em Débora de Souza Costa et al. Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR, Penedo, vol. 1, n. 2, p. 36-48, 2011. Disponível em : <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>.

Fochi (2005)<sup>14</sup> demonstra que é maior a participação masculina nas funções de alto poder em relação às mulheres, devido ao fato de que são atribuídas às mulheres atividades que retratam as responsabilidades domésticas, destinando a elas os cargos de menor prestígio (execução), reafirmando a pesquisa anterior.

---

<sup>14</sup> Ver pesquisa completa em Fochi, Mirian Cleusa. Relações de trabalho e Relações de gênero na Hotelaria. Brasília-DF, 2005.  
Especialista em Gestão de Negócio em Turismo pela Universidade de Brasília.

## 6.A POSITIVIDADE DO FEMININO: UMA SAIDA PARA EQUIDADE?

A Secretaria Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) avalia que existem cerca de 1,2 bilhões de pessoas em todo o planeta vivendo abaixo da linha de extrema pobreza, com o equivalente a menos de 1 dólar por dia (ajustado em cada país pela paridade do poder de compra). Desse total, 70% são mulheres, fenômeno identificado como a “feminização da pobreza”. Essa situação de extrema pobreza não só impede as mulheres de viver plenamente seus direitos de cidadania, como também dificulta sua capacidade de reagir. (Instituto ETHOS 2004, p. 7)

De acordo com UNTWO e UN Women (2011), o turismo e por consequência a hotelaria podem ser um meio pelo qual as mulheres pobres podem quebrar o ciclo da pobreza, inserindo-se no mercado de trabalho, tanto pelo emprego formal quanto pelo informal.

O mercado de trabalho no turismo e na hotelaria não oferece tantas barreiras à entrada, sendo assim mais favorável a empregar mulheres e grupos minoritários do que outras indústrias. Isso porque oferece atividades a tempo parcial e trabalho por turnos, que pode se mostrar útil para aquelas mulheres com responsabilidades domésticas. Porém, não se pode dizer que o turismo e/ ou a hotelaria beneficiam igualmente mulheres e homens. “Enquanto em algumas regiões do mundo o turismo ajuda a autonomia das mulheres, em outras regiões, o turismo afeta negativamente as suas vidas e perpetua as desigualdades econômicas e de gênero”. (UNTWO & UN Women, 2011).

Portanto, a Hotelaria é espelho do pensamento crítico social, sendo este mercado influenciado pelo entendimento coletivo da construção social de gênero. Dessa forma, ter mulheres amigáveis e sorridentes na recepção de um hotel, por exemplo, caracteriza o padrão de qualidade e hospitalidade da hotelaria, parecendo estar à espera de servir submissamente o desejo do cliente e ou hospede (ISLAM, 2008).

Ao analisar a evolução da participação feminina no mercado global, percebe-se um aumento no número de mulheres ocupando cargos que antes eram restritos aos homens e, que elas conseguem ocupar cargos de certa liderança e comando. No entanto, devido à dupla jornada de trabalho exercida pelas mulheres o desenvolvimento tem sido limitado. (COSTA, CARVALHO & BREDA, 2010).

Diante das relações de gênero e do mercado de trabalho, observa-se o setor do turismo e da hotelaria são grandes movimentadores das economias e do mercado de trabalho, uma vez que geram renda e empregos, podendo assim alterar os padrões sociais de uma localidade e promovendo mudanças econômicas (classe) e sociais, diminuindo de certa forma as desigualdades de gênero latentes sobre a mulher não trabalhadora e a autossuficiente.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se conquistou com o passar dos tempos e à custa de muita luta dos movimentos feministas, que transformaram o modo de vida das mulheres ocidentais. Contudo, mesmo tendo se inserido no mercado de trabalho ainda se sustenta a diferença entre os sexos.

Dessa maneira, observa-se que a categoria criada pela nossa sociedade em relação ao mercado de trabalho, sobretudo no mercado hoteleiro, designou funções ditas para as mulheres e para os homens. Nesse sentido, os homens possuem o poder/discurso e assim a autoridade sobre as mulheres, destinando-as às atividades relacionadas à servidão e à afetividade. Quanto a eles, as atividades são de chefia, força e racionalidade, diferenciando assim os cargos e as funções que cada gênero virá a possuir no mercado de trabalho.

Porém, de forma surpreendente, esse estudo mostrou um paradoxo sobre a temática no setor Hoteleiro. Apesar de ser caracterizado como a “extensão da casa”, possuindo atividades e funções ditas do ser feminino há, no entanto grande presença masculina nesse setor. Não quero dizer que esses mesmos homens estejam ocupando os cargos “femininos”, mas sim que a forte presença dos mesmos caracteriza certa mudança de pensamento no mercado.

Reafirmando que o gênero assim como a cultura e o pensamento social não são estáticos nem imutáveis, ou seja, modificam-se de acordo com o contexto histórico vivido pela sociedade.

Dessa maneira, reintegro a necessidade de maiores estudos científicos e reflexões sobre essa temática para o setor de hotelaria para que assim seja possível modificar o pensamento crítico social do mercado de trabalho hoteleiro objetivando a igualdade entre os gêneros e a melhoria do ambiente de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J., & Corrêa, S. (2009). **Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: Um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo**. Seminário Brasil, 15 anos após a Conferência do Cairo, realizado em 11 e 12 de agosto de 2009. Belo Horizonte: Abep

ARROIO, A., & Régnier, K. (s.d.). **O novo mundo do trabalho: Oportunidades e desafios para o presente**. Boletim Técnico. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. em <http://www.senac.br/BTS/272/boltec272d.htm>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS. **Regulamentação do Sistema Oficial de Classificação de Meios de Hospedagem**. Disponível em: [http://institucional.turismo.gov.br/arquivos\\_open/legislacao/DN\\_429\\_2002\\_regul\\_sit\\_oficial\\_class\\_meios\\_hosp.pdf](http://institucional.turismo.gov.br/arquivos_open/legislacao/DN_429_2002_regul_sit_oficial_class_meios_hosp.pdf).

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** (2ªed., Trad.: Sérgio Milliet). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade** Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2008

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2003a.

CASTELLI, G. **Administração hoteleira. Caxias do Sul**: EDUCS, 2003, pág. 87.

CASTELLI, G. **Hospitalidade: na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. São Paulo : Ed. Saraiva, 2005, pág. XII.

CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO. **Pesquisa de Demanda de Qualificação Profissional em meios de Hospedagem- Cenário Nacional** (2008). Disponível em : <http://www.intranet.cet.unb.br/>

CALVOSA, M. V. D. et al. **Desenvolvimento de carreira: o papel da mulher nas organizações**. Revista Cadernos de Administração, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: [http://www.fsma.edu.br/cadernos/Artigos/Cadernos\\_3\\_artigo\\_8.pdf](http://www.fsma.edu.br/cadernos/Artigos/Cadernos_3_artigo_8.pdf)

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Os domínios da hospitalidade**. In: BUENO, Marielys Siqueira; DENCKER, Ada de Freitas Maneti (orgs.). Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003. p.7-27.

CÂNDIDO, Índio & VIERA, Elenara Viera de. **Gestão de Hotéis : técnicas, operações e serviços**. Caxias do Sul: Educs, 2003.



COSTA, C. Carvalho, Inês C. R.; Breda, Zélia; Caçador, S.. **L'emploi féminin en tourisme et la rupture du plafond de verre**, 2010.

COSTA, Débora de Souza. Et al. **A Mulher no Trabalho: A Situação de Funcionárias da Hotelaria de João Pessoa-PB**. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, vol. 1, n.2, p. 36-48, 2011. Disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>.

DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna S (Eds.). **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

DIAS, Reinaldo; PIMENTA, Maria Alzira. **A gestão em hotelaria e o cliente**. Hotelnews, São Paulo, n. 325, mar./abr. 2005, p. 53.

Expectations are High. UNWomem Brochure. United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women.

FOCHI, Mirian Cleusa. **Relações de Trabalho e Relações de Gênero na Hotelaria**. Brasília-DF, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. **Estudos de gênero no Brasil**, in: MICELI, Sérgio (org) O que Ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221).

HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero: um olhar estruturalista** in PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (org.) Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis, Editora Mulheres, 1998, p. 43-55.

HIRATA, Helena. **Relações Sociais de sexo e do Trabalho**. Trad. Maria Helena C. V. Trylinski. Brasília, ano 15, n.65, 1995

IBGE. **Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho - Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre 2003-2008**. Pesquisa Mensal de Emprego. Rio de Janeiro, 2008.

Instituto ETHOS. **O Compromisso das empresas com a valorização da mulher**. Instituto Ethos: São Paulo. 2004

ISLAM, M. S. **Barriers faced by women in tourism career. Professional: Women in the travel trade**. 2008. Tourism Review. disponível em <http://www.tourism-review.com/travel-tourism-magazine-barriers-faced-by-women-in-tourism-career-article592>. Acesso em:

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo – Corpo e Gênero Gregos a Freud**. Trad. Vera Whatly. Relume Dumará, Rio de Janeiro. 2001

LEITÃO, Elaine V. **A mulher na língua do povo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

LEONE, E. et al. **O trabalho da mulher em regiões metropolitanas brasileiras**. In: PRONI, M. W; HENRIQUE, W. (Org). Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90. São Paulo: UNESP, 2003.

MARIN, Mani Tebet. **Discursos de homens e mulheres em profissões alternativas ao seu gênero**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia 28 A 31 de julho, Rio de Janeiro. 2009.

MELO, K; Aparício, I; Oliveira, P. C. & Calvosa, M.V. D. **Desenvolvimento de carreira: o papel das mulheres nas organizações**. Revista Cadernos de Administração, 1 (3). 2009

MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. Cadernos Pagu (14), p.13-44. 2000.

NAISBITT, J. ABURDENE, P. **Mega-tendências para as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

PORTAL DA ADMINITRAÇÃO. **Mulheres conquistam mercado hoteleiro**. 2006. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/mulheres-conquistam-mercado-hoteleiro/6526/>. Acesso em: 16 de novembro de 2014.

PNUD. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. (2004). Projeto ampliação de mulheres negras. Disponível em <http://www.pnud.org.br/odm/#documentos>

SALVADOR, Denise Silva. Gênero e Turismo: **A Liderança Feminina no Setor Hoteleiro**. Universidade de Aveiro, 2012.

SCOTT, Joan (1989). **Gênero: Uma categoria útil para uma análise histórica**. Trad. Chistine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Porto Alegre: Educação e Realidade. V.16(2), 1990.

SIMOES, Joaquim e AMANCIO, Lígia. **Gênero e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina**. Sociologia, jan. 2004, no.44, p.71-81. ISSN 0873-6529

UNWTO - World Tourism Organization; UN Women - United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women. (2011). Global Report on Women in Tourism 2010. Madrid: World Tourism Organization.

VICENTE, Mara Alexandra de Almeida Furtado.(2013) **O género nas estruturas organizacionais:a diferenciação entre homens e mulheres na ocupação de funções, no acesso ao poder e nos salários** - CIES e-Working Paper N.º 153.